

**Rita Lee e Bárbara Farniente: Reflexões sobre uma Metabiografia de Rita Lee Jones
por Henrique Bartsch**

Jefferson William GOHL*

Resumo: As biografias dos astros do rock, atualmente, povoam as prateleiras das livrarias e, no Brasil, Rita Lee Jones desenhou uma trajetória comum a outros artistas que explodiram com o boom do crescimento fonográfico dos anos 1980. Ayrton Mugnaini Júnior elaborou um primeiro esboço biográfico da artista. Mas seu biógrafo mais consistente, Henrique Antonio Bartsch, além de compor um registro biográfico da artista, manteve um blog em que revelava os bastidores da confecção desta “alucinada” biografia. Tanto o livro de Bartsch – esta biografia ficcional basicamente ambientada em fins da década de 1960 até fins dos anos 1990 – quanto seu blog fornecem indícios importantes para a compreensão acerca da produção e circulação do conhecimento histórico no século XXI. Na presente proposta de trabalho, os elementos da prática da história que ajudarão a realizar uma análise destes fenômenos de escrita e circulação, se encontram nos estudos historiográficos como os de Barbara Tuchman, Giovanni Levi e Paul Ricoeur. Neste estudo, pretende-se realizar uma análise entre a escrita do biógrafo e do “blogueiro”, sobre a trajetória e a vida da artista Rita Lee Jones.

Palavras-chave: Biografia. Rita Lee. *Rock*

**Rita Lee and Barbara Farniente: considerations on the meta-biography of Rita Lee
Jones by Henrique Bartsch**

Abstract: Biographies of rock stars currently populate the shelves of bookstores, and, in Brazil, Rita Lee Jones drew a common path to other artists who exploded with the boom of the music growth of the 1980s. Ayrton Mugnaini Junior produced a first biographical sketch of the artist, but her most consistent biographer, Henrique Antonio Bartsch, besides composing a biographical record of the artist, kept a blog in which he reveals the inside story of making this “maddening” biography. Both Bartsch’s book – this fictional biography basically set from the late 1960s to the late 1990s – and blog provide important clues to understand the production and circulation of historical knowledge in the 21st century. In this proposed work, the elements of the practice of story that will help us conduct an analysis of

* Doutor em História Cultural – Programa de doutorado em história da Universidade de Brasília –UnB. Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF, 70910-900 Email: jwgohl@yahoo.com.br

these writing and circulation phenomena are in the historiographical studies such as from Barbara Tuchman, Giovanni Levi and Paul Ricoeur. In this study, we intend to conduct an analysis of the writing of the biographer and “blogger” on the trajectory and life of the artist Rita Lee Jones.

Keywords: Biography. Rita Lee. Rock

Ao pensarmos no caso das biografias como ferramenta do historiador, entendemos que elas, enquanto estilo de escrita, comportam uma grande dose de expressão literária para dar vazão às necessidades de representação de um determinado personagem, habitante de um respectivo cenário nos períodos históricos. A segunda metade do século XX assistiu à ascensão e expansão do rock pelo mundo, como expressão de um modo de vida juvenil e anticonvencional. As biografias dos astros do rock, atualmente, povoam as prateleiras das livrarias e, no Brasil, Rita Lee Jones desenhou uma trajetória comum a outros artistas que explodiram com o boom do crescimento fonográfico dos anos 1980 e teve sua carreira exposta em livro biográfico que pretendia também iluminar aspectos pouco conhecidos de sua vida em particular.

Concordando com Paul Ricoeur, que a representação literária é, também, esta inscrição terminal em que a história manifesta seu pertencimento à literatura, e que as dificuldades de se distinguir lembrança e imagem levam, inevitavelmente, à preocupação de visibilidade na busca pela legibilidade para a própria narração. (RICOEUR, 2007, p.247)

Procuraremos analisar a escritura da biografia de Rita Lee Jones pelo seu biógrafo Henrique Bartsch, na perspectiva em que a opacidade da narrativa empreendida pretende se resolver como o enxerto da história no registro mnemônico da memória.

Há quase dez anos, no dia seis de junho de dois mil e seis (06/06/06) a editora paulista Panda Books lançou a biografia da artista Rita Lee Jones, escrita pelo músico e, daquele momento em diante, também autor, Henrique Bartsch. O livro foi intitulado *Rita Lee Mora ao lado: uma biografia alucinada da rainha do rock* e teve seu lançamento na livraria *Para Ler*, em Ribeirão Preto – cidade natal do autor. De acordo com a maior parte do reaises e textos informativos sobre o livro, a síntese de seu conteúdo era:

O livro revela, finalmente, as dores, os amores e todas as cores da vida da roqueira que ajudou a criar e dar forma ao rock nacional. Tudo isso de forma nada convencional, diga-se. O músico paulista Henrique Bartsch, autor do livro, deixa a narração a cargo de Bárbara Farniente – uma vizinha que tem acesso privilegiado às loucuras de Rita e que revela, sem censura, suas melhores e mais tresloucadas histórias.

Participam dessa viagem muitos personagens da colorida vida da rainha do rock, como os Mutantes, Roberto Carlos, Wanderléa, Erasmo Carlos, Elis Regina, Raul Seixas, Gilberto Gil, Caetano Veloso e muitos outros! (BARTSCH, 2006b, s/p).

Na cidade de São Paulo, o lançamento ocorreu no dia treze do mês seguinte daquele ano, na livraria Saraiva do Morumbi Shopping, e contou com a participação da própria artista que, além de dar seu aval, como de costume expressou seus sempre controversos comentários sobre a obra. (VITTI, 2006) Já o lançamento do livro no Rio de Janeiro, ocorrido pouco depois na livraria *Argumento* de Copacabana, ficou a cargo da professora doutora Norma Lima, uma tiete confessa, com passagem pelo fã clube *Ovelha Negra* dos anos 1980, e que também se dedica a colecionar documentos e materiais sobre a trajetória da artista. (BARTSCH, 2006c).

Na orelha do livro, um breve texto da própria biografada, revelava seu conhecimento do texto que ia a público e contribuía para consolidar a ambiguidade da versão real/ficcional desta biografia que, por este mecanismo, entendia-se autorizada. Ela dizia:

Um belo dia resolvi dar uma folheada e não consegui largar até terminar. Meus bichinhos de estimação ficaram espantados em me verem rir e chorar por várias vezes, me emocionando com passagens de minha vida que eu nunca vivi. Um tratado arqueológico de minha vidinha vulgar, o encontro de vários elos perdidos, Peter Pan na terra de Oz do Sítio do Pica Pau Amarelo. Uma viagem lisérgica sem tomar ácido algum. (BARTSCH, 2006c, p. 00-01).

Anterior a esta empreitada de elaboração da trajetória da artista havia somente um trabalho sintético que saiu das produções de Airton Mugnaini Júnior, intitulado *Rita Lee: o futuro me absolve* (1995), que realizava uma apaixonada corografia de fatos pontuais e que definia seu rock como feminino e com uma personalidade muito própria.

Além disso, um sem número de hipertextos àquela altura já circulavam na internet mais ou menos topografados conforme haviam levantado inicialmente os jornalistas Thomas Papon (1987) e Regina Echeveria (1990) e o músico Almir Chediak (1990).¹

Considerando-se que a própria biografada contribui para a imprecisão com que se pode tomar este trabalho, as biografias com as quais conta-se para a abordagem da etapa inicial da carreira da artista Rita Lee Jones são ainda inexistentes como *corpus* organizado. O informativo trabalho do jornalista Carlos Calado – *A divina comédia dos Mutantes* – (CALADO, 1995), em termos de levantamento de dados biográficos, constitui-se como a melhor referência e fonte de informações para os primeiros tempos da artista, mas similar ao que foi indicado na pesquisa de Eduardo Bay para o grupo *Os Mutantes* (BAY, 2009) – o desfocamento em relação aos estudos da Tropicália –, a artista também se encontra desfocada em relação à história do grupo.

Rita Lee, nesta obra, ocupa papel central, mas o que Calado deseja narrar é a história de um grupo desfeito por uma história de amor rompido. E a experiência individual

de seus integrantes interessa na medida em que estas explicam a trajetória do conjunto musical. Conta-se um romance que não tem final feliz e, no pacto de leitura com o leitor, espera-se a restauração de algo que teria ficado perdido no tempo. É sintomático que sua narrativa se inicie pela tentativa de suicídio de Arnaldo Baptista, ocorrida em janeiro de 1982, e as preocupações de Rita Lee com seu estado de saúde, como se isso fosse o indício de um amor ou paixão jamais resolvida. A personagem histórica da artista se encontra na obra como uma peça justificadora da dissolução de um dos grupos mais avançados e criativos do *rock*, ainda que não um dos maiores sucessos em vendas de discos no gênero. (CALADO, 1995)

O biógrafo Henrique Bartsch no livro *Rita Lee mora ao lado*, no entanto, constrói uma confessada representação literária e partilha no pacto com o leitor a cumplicidade de *voyeur* de uma trajetória que é apresentada de forma fragmentária, à medida que sua personagem fictícia – Bárbara Farniente – assume algumas características também da personalidade privada de Rita Lee. Para além dos registros de imprensa, fonográficos e documentais, Bartsch constrói livremente em Bárbara Farniente uma explicação que desloca o período compartilhado com *Os Mutantes*, como o que explicaria sua trajetória. Nesta “biografia alucinada” a expectativa que costura a narrativa é pelo encontro destas duas personagens: a Rita Lee Jones e esta espécie de alter ego artístico e dionisíaco que ela teria, mas que é assumido na narrativa pelo próprio autor. (BARTSCH, 2006a)

Os pontos em que a trajetória de Rita Lee foram polemizados pela imprensa ao longo de sua carreira são figurados com particular atenção pelo autor e transformados em uma narrativa da personagem fictícia: Os temas como sua primeira menstruação em uma brincadeira de carrinho de rolimã. A recusa de Roberto Carlos da participação do conjunto Os Mutantes no programa da Jovem Guarda. O caso da separação da artista com o grupo dos Mutantes e as intenções de André Midani de fazer de Rita Lee uma estrela da canção pop. A constante relação da artista com as drogas antes e depois da convivência com Os Mutantes. Detalhes da vida íntima entre ela e Arnaldo Baptista, quando ainda eram casados. A ida do grupo *Tutti Fruti* a um sítio em Ibiúna no interior de São Paulo. A aproximação e relação amorosa de Rita Lee Jones com Roberto de Carvalho e sua prisão por porte de maconha em 1976, bem como a recuperação de seu prestígio como artista logo após o momento conturbado de sua saída na prisão e a primeira gravidez. O sucesso de público e vendas durante os anos 1980, como elemento coroador de uma proposta de vivência descompromissada com as grandes causas e, ao mesmo tempo, portadora de uma posição definida sobre a autoafirmação feminina no espaço da canção popular brasileira.

Todos os temas são vividos por meio da meta-história, contada de acordo com a lógica de um pacto com o leitor, em que se tomará por verdade tudo aquilo que for afirmado

como possibilidade pela personagem, que é seu próprio alter ego, a tal Bárbara Farniente observadora oculta do filme da vida de Rita Lee.

Ao mesmo tempo que Bartsch efetivamente recoloca Rita Lee no foco da narrativa, borra as fronteiras entre a literatura e o registro histórico de uma trajetória. Aspectos como o uso de drogas e as crises pessoais são projetados nesta outra personagem, camuflados sob o signo da ficção, o que atenua os aspectos que poderiam ser entendidos como desabonadores de sua conduta. Assim, o autor constrói uma justificativa de como o percurso da personagem histórica Rita Lee se articula a uma interpretação de que é possível a ela um ideal humano maior.

Ao final da narrativa do livro, a personagem Bárbara Farniente, na narrativa, mantém um SPA (Special People and Animals) com fins altruístas. Como esta personagem corresponderia a uma faceta psicológica de Rita Lee projetada em Bárbara, se deduz que estas qualidades se encontram na artista e não na criação do autor. Ao mesmo tempo, o autor confesso desta ficção se autorrepresenta no texto, em um encontro com esta personagem Bárbara que é a própria Rita Lee. Assim, tendo ele se encontrando ao final da ficção narrativa com a sua criação, realiza a confissão de ter se apropriado de um suposto diário que permitiria, por sua vez, a existência de todo o livro. Deste modo, Bartsch revela vários níveis metanarrativos na sua obra. Este conjunto de qualidades ideais descritas pelo autor se encontra presente ora no registro biográfico, ora no registro ficcional e sugere uma definição cabal da pessoa “real” que seria Rita Lee. No encontro entre ele – o autor Bartsch – e Bárbara Farniente, seu alter ego compartilhado com Rita Lee, se revelam os conceitos valorativos sobre Rita Lee como se vê abaixo.

– Afinal, senhorita Bárbara Farniente, após todos esses anos e todos esses tangenciamentos inumeráveis, seria possível ouvir alguma pista sobre quem ou o que é Rita Lee? Minha boca descontrolada e seca acuiu meus pensamentos. Aguardei convicto, ser mandado à puta que me pariu. Não havia um traço de emoção no rosto que me respondeu.

– Rita Lee, pelos ditames da lei, é uma assassina. A pausa foi pequena, mas foi novamente o eterno em um segundo.

– Rita Lee vem matando as Amélias de tempos em tempos, e merecidamente, pois aquelas jamais foram mulheres de verdade. Ela deu a cara pra apanhar e não recuou um milímetro. No evangelho, segundo suas letras de música, para quem souber separar o joio do trigo, estão os ditames da nova mulher. Volta e meia ela deposita uma nova mensagem aos iniciados. (BARTSCH 2006a, p. 251).

Nesse sentido, é interessante repensar a trajetória desta artista sem deixar que as representações que apontam para elementos de uma causalidade justificadora, e mesmo hierarquizadora, determinem o sentido com o qual foram produzidos os vários discursos ao longo desta trajetória. Esta perspectiva feminina, sem assumir feminismos, seria o conteúdo

que era retomado novamente por um biógrafo, que contaria com informações advindas da própria artista, que oferece um sentido concordante com sua obra cancional ao longo de sua trajetória. Recolocar em foco a trajetória desta artista é algo que auxilia a pensar como as sonoridades do *rock* foram recebidas no país e reorientaram algumas balizas da cultura brasileira.

Muito já se debateu sobre a polarização que ocorreu no momento da difusão das sonoridades *rock* no Brasil, com os conceitos da alienação e do engajamento polarizados entre os partidários da Bossa Nova e da Jovem Guarda (CAMPOS, 1974), no percurso que vai da MPB à Tropicália (DUARTE, 2003). No entanto, as memórias permitem reenxertar a história onde só existia um único sentido da memória dominante, a respeito dos “anos de chumbo”.

A historiografia, muitas vezes, construiu conceitos que refazem o período entre 1964 e 1985, em que o regime ditatorial vigente no Brasil e sua relação com a MPB fosse retratado como um período de restrições, censura e repressão desmedida do Estado para com os produtores de conteúdo cultural, sobretudo os músicos. (SILVA, 1994) O conservadorismo e o desejo de se controlar as expressões dos jovens podia assumir, no caso em questão, valores diversos aos já significados e que informaram a perspectiva de quem efetivamente viveu a experiência de assumir e levar as sonoridades do ritmo americano, bem como suas posturas comportamentais adiante.

No caso de Rita, o pai sonhava para ela, naquele momento, uma carreira de veterinária. Ela se posicionou desta forma mais tarde: “Em casa não havia vitrola. Meu pai me obrigava a estudar. Ouvia música num radinho de minha irmã. Descobri Elvis na escola e jurava que ia me casar com ele.” (JONES apud MUGNAINI JUNIOR, 1995, p.65) Não podemos afirmar que o esquecimento da existência de uma vitrola em casa seja uma traição da memória, mas o que Rita provavelmente quer expressar nesta fala é quanto ao ambiente de restrições que o pai efetivava na casa, priorizando o tempo das filhas para o estudo e não para o tempo livre de fruição musical. As outras meninas, Jean e Beatrice, que participavam de grupos femininos com Rita Lee Jones, logo foram também pressionadas pelos pais a largarem o conjunto. O quarteto logo se reduziu a uma dupla entre Rita e Suely, que mais tarde, após o furor causado pelos Beatles, seria reativado com a entrada de Rosa no piano e Eliane que assumia a bateria, mesmo sem saber tocar.

O quarteto de Liverpool, conhecido como The Beatles, chegava ao Brasil no ano de 1964, de forma impactante, por meio do filme *A Hard Day's Night*, rebatizado aqui com o nome *Os reis do iê-iê-iê*. Suposto documentário da experiência do grupo com a fama meteórica conquistada no ano de 1963, seria um divisor de águas sobre a geração que aprenderia com eles os primeiros acordes de suas carreiras musicais.

No início de 1964, os Beatles se preparavam para sua incursão ao mercado americano, com uma viagem de divulgação de seus lançamentos e uma campanha publicitária que lançava não só o conjunto mas a beatlemania. O embrião do filme *A Hard Day's Night*, que originalmente se chamaria beatlemania, estava pronto e um padrão dos filmes sobre rock² seria quebrado nele. Já se coletavam imagens para a edição do filme e os quatro Beatles representariam a si mesmos no roteiro de Alan Owen.

A vida dos Beatles foi contada como se fosse um circo, viajando para um show, fugindo da multidão, fazendo uma apresentação, fugindo da multidão, escapando dos compromissos, fazendo bagunça e repetindo o processo no dia seguinte. Alguns críticos de cinema os chamaram de irmãos Marx dos anos 60. O filme reforçou o conceito já popular de que a banda não consistia de um líder e três seguidores, mas de quatro pessoas separadas, com personalidades individuais. John era o extrovertido espirituoso, Paul, o bonitinho e inteligente, George, o mais calmo e Ringo, o ursinho vulnerável que dava vontade de abraçar. As fãs tinham quatro potenciais arrasadores de coração para escolher.(FRIEDLANDER, 2008, p.128)

Entre aqueles pelo mundo, que influenciados pelo sucesso do Beatles e que montaram seus próprios conjuntos, está David Crosby, que participou de uma das mais interessantes bandas do rock americano *The Byrds*. Aparentemente, nada teve um peso tão decisivo quanto assistir aos Beatles em *A Hard Day's Night*. Ele afirmou: “Eu soube então o que minha vida ia ser. Eu queria fazer aquilo. Amei a atitude e a diversão daquilo, havia sexo, havia alegria, havia tudo que eu queria da vida.” (CROSBY apud MERHEB, 2012, p.45)

Rita Lee Jones, igualmente, já bem sabia o que queria fazer da vida. Tendo assistido ao filme *Os reis do iê-iê-iê* mais de 16 vezes, ela acabava disputando com Suely sobre quem saberia mais informações sobre o filme, e com as irmãs disputava sobre qual dos meninos do conjunto recairia a paixão destinada por elas.

Aí eu saí da bateria, que eu tocava bateria. Eu saí e fui para o baixo, por que eu gostava muito de Paul Mc Cartney. Também bateria fica lá no fundo, eu quero é ir lá para frente. E aí as meninas encontraram os Wooden Faces. E tocaram juntos e fundiu legal porque os Wooden Faces, tocavam bem mas não cantavam bem, e a gente ao contrário. Como a gente fundiu Wooden Faces e Tennage Singers, tinha muita gente fazendo nada. A menina que cantava bem foi morar nos Estados Unidos, a outra não quis foi fazer faculdade não tava afim de fazer. A outra ficou namoradinha do guitarrista do Wooden Faces. Essa menina não cantava bem. Vai embora que você não canta bem. Aí ficaram quatro. Aí o baterista era bêbado. Não dá, manda embora ficaram os três.(JONES apud OLIVEIRA, 2007, s/p).

Sobre o encontro de Rita Lee com os irmãos Baptista, que tocavam no grupo The Wooden Faces, os biógrafos informam, cada um a seu modo, locais e momentos diferentes. Mas todos concordam que a beatlemania é o que possibilitou a reunião de interesses afins. Regina Eccheverria afirma ter sido em umas das festinhas da escola Caetano de Campos, onde estudavam Claudio, Sergio e Arnaldo Baptista. Carlos Calado aponta uma reunião de bandas no início de 1964, no teatro João Caetano, em um dos frequentes shows com a participação de inúmeros colégios. Por fim, Bartsch informa que foi num dos shows promovidos por Antonio Peticov, no Mackenzie, que pela primeira vez aconteceu uma apresentação em que as Tannage Singers se uniram aos Wooden Faces dando origem ao Six Sided rockers. Ayrton Mugnaini Junior precisa que, desde 1963, Rita já conhecia e estava empolgada com Sergio, Arnaldo Dias Baptista e Rafael Villardi, mas é em 06 de julho de 1965 que os grupos reunidos irão participar da 3ª Jam session no auditório do jornal *Folha de S. Paulo* em evento que periodicamente se dedica a jazz e blues.

Seja como for que tenha acontecido, o fato é que uma rede de sociabilidade juvenil estabelecida entre os colégios, o cinema e os teatros, favoreceu o encontro dos semelhantes amantes do grupo inglês e tiveram como pivô de sua aproximação Antonio Peticov, que já participava de alguns circuitos de produção que agenciavam o rock, estivesse ele na Pompéia, Vila Mariana ou na boemia da Vila Madalena.

Naquele contexto, Os *Beatles* funcionavam como fermento criativo também na explosão do Tropicalismo em 1968 que, mais tarde, projeta a imagem e posturas da jovem artista no encontro que ela rememora entre Gilberto Gil e Caetano Veloso, considerados por muitos como os líderes do breve movimento.

E o papel do movimento tropicalista é recorrentemente rememorado por ela, a cada depoimento dado: “Isso tem muito a ver com o tropicalismo. Sou filha de imigrantes, de pai americano e mãe italiana, e fui descobrir minha brasilidade no tropicalismo, com Caetano, Gil, Tom Zé.” (JONES apud WEINSCHELBAUM, 2006, p. 38) E sobre como se deu a integração dos conteúdos e da informação das sonoridades, ela fala dos padrinhos musicais em entrevista concedida para seu DVD, em 2007:

E Caetano e Gil que me deram todas as dicas de como fazer música brasileira. Até então era só coisa gringa. Era só coisa de outras pessoas. E nossa eu sou agradecida a eles pelos séculos dos séculos amém. Uma generosidade, sabe? Mostrar no papelzinho assim. Enquanto um tocava, o outro: Ó tá vendo... Vamos dizer, aquilo era ambrosia! Como que aquilo? E ó, vale tudo, vale chacinha, vale Jimmi Hendrix, vale...? vale o que você quiser. Vale Beatles? Mas lógico. Vale ...? Vale tudo, o que que não vale? Nada. É proibido proibir. Vocês podem fazer tudo. Bicho, foi Deus, Deus. Foi muito forte pra mim aquilo, finalmente conheci meu lado brasileiro. Brasileiro é isso, é uma mistura de tudo. Eu sou uma mistura de tudo. Eu sou mais brasileira que o Pelé. Ou tanto quanto o Pelé. Posso ser tão brasileira

quanto o Geraldo Vandré. Sabe a minha cabeça fez assim. Zóim. Muito, muito bom. Aí de repente, chega Tom Zé, Gal, Guilherme Araujo, Torquato, Rogério Duprat. As pessoas chegando, as pessoas de cinema, gente que escrevia livro. Gente que não era uma coisa minha. Eu era uma filha de imigrantes, não era meu aquilo. Nossa, era uma quantidade de informação aquilo, de cor, sabe explodido na minha cara. E era a mesma época do Baurets que eu comecei a fumar um fumo, comecei a tomar um ácido, comecei a... E todo mundo dizia, a ditadura. A ditadura nada, eu vou tomar um ácido. Vocês ficam falando de ditadura. Foda-se a ditadura! Fodam-se vocês. A engajadinho político. Meu papo não é esse não, então eu nem me misturava com nada, e eu era tudo. Era de uma liberdade para mim, e olha que eu estou falando de ditadura. Eu nunca me senti tão livre na vida. Mas não é esse negócio que ficam falando. Nada como uma repressão pras pessoas terem criatividade. No! No! Não, era um tempo especialíssimo. (JONES apud OLIVEIRA, 2007, s/p)

Além da forte negativa sobre as colorações políticas que as canções podiam ou não assumir no contexto de uma época, a interpretação que Rita Lee Jones construía um sentido diverso daquele com o qual a história optou por, muitas vezes, retratar as relações entre músicos, sociedade e Estado, no período.

Se levarmos em consideração a frase de Barbara Tuchman – “Como um prisma da história a biografia, atrai e mantém o interesse no leitor no assunto maior. As pessoas se interessam pelas outras pessoas e pelas fortunas dos indivíduos.” (TUCHMAN, 1991, p.69) –, entendemos que é esta herança que está em discussão na biografia da artista em questão, sua fortuna crítica e, claro, também monetária e mesmo “moral” sobre o assunto a respeito de viver de música do Brasil, dos anos 1970 e 1980. Bartsch, estando para além da mera posição de fã, é músico que se solidariza e assume posições em favor de sua biografada e se vale, até mesmo, do recurso do *vouyerismo* assumido e consentido para dar sentido à sua obra, mesmo que isso cause arrepios a uma historiadora como foi Tuchman.

No intuito de divulgar sua obra literária, entre 05 de setembro de 2006 e 05 de 2011, Henrique Bartsch manteve um blog na internet, no qual revelava os bastidores de como foi a produção do texto biográfico, e suas trocas de e-mail com a artista, que explicariam detalhes verídicos a respeito da trajetória de ambos neste período, além de publicar sobras de texto da biografia recusada pelas editoras. Naquele espaço, outros textos estão presentes bem como ideias sobre o encaminhamento e reflexões sobre a história do rock no Brasil.

Em 17 de setembro de 2006, neste blog, Bartsch se autorreferencia e busca legitimidade para seu trabalho biográfico com um texto de publicização sobre o encontro midiático mantido com o jornalista Nelson Mota em que a biografia era o tema da conversa:

Preferi participar ativamente da conversa em cima das experiências dele [Nelson Mota], que por várias vezes falou de Rita Lee, e uma outra coisa que esqueci de falar, que conversamos fora e ele repetiu lá dentro: pelos velhos problemas em como se conduzir uma biografia, para não ficar sujeito

a futuros processos, geralmente por pessoas que estão sem dinheiro, ou advogados que acham que vão ganhar uma bolada da editora, Nelson estava pensando em talvez criar um personagem fictício para contar algumas coisas de Tim Maia. Daí ele me falou: “li seu livro, achei a sacada de colocar um personagem para aguentar algumas broncas genial, e criei um suposto “amigo de Tim, que vai contando histórias e tem uma relação de amor e ódio com o cantor”. E completou dizendo: “Quer dizer, pessoal, que eu conheço muito bem a Rita Lee, e tudo que está escrito nesta biografia é verdade, muito bem disfarçada pelo Henrique”.(BARTSCH, 2006d, s/p).

A busca por legitimidade e respaldo para seu trabalho, bem como para sua autoafirmação como escritor surge de forma recorrente, ao publicar entrevistas concedidas pela própria Rita Lee Jones a jornalistas como Pedro Alexandre Sanches que a inquiriam sobre as homenagens que fãs acabam fazendo e que assumem a forma de produtos culturais (peças teatrais) ou livros como foi o caso da biografia de Bartsch. Sobre isso, Rita Lee Jones afirmou:

[...] vamos para o "Rita Lee mora ao lado" ... o livro do Henrique foi escrito baseado nas nossas conversas virtuais de anos e anos, cartas de amiga para amigo, não eram perguntas e respostas como costume fazer com jornalistas, você conversar por e-mail com um amigo que não te julga já é uma delícia, imagine quando rola uma confiança total para abrir o coração mesmo, é uma ótima terapia, aliás... no livro o texto dele é maduro e juvenil, engraçado e abusado, igualzinho aos mails... quando vi nossas conversas transformadas em livro, contando coisas que ninguém nunca soube, me deu um alívio... era o lado da minha moeda que estava lá, doa a quem doer, inclusive a mim mesma... mas percebi também que minha vida não tinha sido um film noir como muitas vezes pensei, foi tudo uma grande chanchada, a ainda com final feliz... comecei até a ficar fã da cantora em questão... aliás, você escreveu o prefácio, outra surpresa para mim que não sabia até então se me amava ou odiava... diga que me odeia, mas diga que não vive sem mim... e você disse... obrigada. (BARTSCH, 2006d, s/p).

Outras inserções no Blog de Henrique Barstch, em 06 de outubro de 2006, dão conta das posições da artista sobre esta biografia, no intuito de negar a verossimilhança da narrativa a um repórter da Revista *Isto é*, que tenta esclarecer alguns pontos obscuros que a história sugere.

Isto é: Assim, fica fácil entender as taras de Barbara por Jorge Ben, por mecânicos cheios de graxa e, finalmente, por anônimos; ou então a passagem de Rita “invisível” pela alfândega – enquanto Bárbara servia de mula de ácido. Só não entendo a Dalva de Oliveira e sua colaboração financeira. E Claudionor Farniente? Sinto que tem alguma coisa aqui mas me foge. Por falar nisso, Jimi John com aquela biografia inventada é naturalmente uma somatória de tipos, mas o nome tem a ver com o jornalista gaúcho Jimi Joe?
Rita Lee Jones: **Percebo que você se confunde ao tentar entender o livro de Henrique como sendo minha biografia e me cobra detalhes que não posso lhe dar, meu querido... a biografada em questão é Bárbara,**

eu apenas estou no papel de uma mera coadjuvante, sugiro que você a encontre pessoalmente e acabe de vez com suas dúvidas. (BARTSCH, 2006e, s/p, grifos nossos).

Enquanto a artista realiza falas recorrentes, tanto no espaço da obra publicada quanto fora dela, negando o caráter de verdade dos fatos ali narrados, o próprio autor insiste em realizar falas no sentido oposto, dizendo que efetivamente “inventou” muito pouco na intriga dada, somente o suficiente para ligar um assunto a outro. Ao mesmo repórter, Bartsch declara:

Isto é: estou agindo certo ao tomar tudo ao pé da letra? Jimi John existe? e a Dalva de Oliveira?

Muita gente afirma que a Rita Lee é um clássico de o médico e o monstro. Bárbara e Rita representariam literalmente essa cisão?

Bartsch: **Todas as histórias que envolvem a Rita são reais**, contadas por ela... Bárbara roubou algumas situações tanto da Rita quanto onde o bom senso mandava não utilizar os nomes reais dos envolvidos... **mas existe muito pouca coisa inventada**, e geralmente para colocar Bárbara nos locais dos acontecimentos...

Jimi John na verdade não existe... é uma somatória dos vários protetores que Rita teve na vida... Gil, Hebe e alguns outros...é o anjo negro, defensor da malandragem, o anjo 45 que vem desafinar o côro dos contentes... o nome foi inspirado num disk jóquei (será que os DJs ainda lembram disso?) que se chamava Jimi Joe...eu achava engraçado o cacófato Ji mijou...para ficar mais sofisticado, a lembrança de Lennon e Hendrix., e tb o som Ji Mijão ficava mais condizente com as inúmeras mijações territoriais que acontecem durante todo o decorrer da história...(BARTSCH, 2006e, s/p, grifos nossos).

Assim, o *making off* da escrita do livro supostamente era revelado neste Blog e o contrato entre ele e a artista, de como foi acertado para que o escritor realizasse a obra, também neste espaço virtual foi publicado na forma de um capítulo que deveria ter entrado na composição do livro, não fosse ele cortado pelos editores. De acordo com o autor, no capítulo *O Porque dos por quês*, houve um documento original na forma de um diário escrito, encontrado na Holanda, na cidade de Amsterdam, no *Message In a Bottle Museum*, produzido por alguém de identidade não revelada, mas que foi verificado pela própria Rita Lee Jones e dado por ela como fidedigno, de acordo com os conteúdos ali explicitados. Este suposto documento teria ofertado a grande parte dos temas que iriam para o livro, e como era de autoria de uma terceira pessoa que não o próprio Bartsch, isto teria sugerido ao autor a ideia da criação do alter ego de Bárbara Farniente.(BARTSCH, 2006f).

Em outra suposta sobra de material escrito para o livro, o capítulo publicado no Blog, em 21 de outubro de 2006, sob o título *Santas que nunca foram santas*, o autor constrói um cenário para descrever sob que condições o diário de Bárbara Farniente começou a ser escrito (BARTSCH, 2006g). Em outra postagem, em 29 de outubro de 2006, um outro

capítulo é revelado – Uma saga as cegas –, no qual são abordadas as origens das famílias da artista, dos Estados Unidos da América ao interior paulista. (BARTSCH, 2006h). E, por fim, em 05 de novembro, é publicado o capítulo Olhos azuis atacam abaixo do Equador, (BARTSCH, 2006i) e, em 12 de novembro do mesmo ano, completando a saga das descendências paternas e maternas, sai o capítulo Águas turvas em Rio Claro. (BARTSCH, 2006j). Em 19 de novembro, é exposto o capítulo Montechios e Capuletos, em que conta sobre o casamento dos pais de Rita Lee Jones. Finalmente, em 26 de novembro, é divulgado um último trecho que deveria estar no livro como cena alternativa da obra publicada. (BARTSCH, 2006k).

Se fossem incluídos estes capítulos no livro físico, além do acréscimo de páginas, o que se obteria como resultado final, acabaria aproximando mais esta ficção de uma biografia mais tradicional, tendo em vista que ela se completaria com a inserção dos antecedentes de Rita Lee Jones. Entretanto, como desde o princípio o livro se afirma como peça de ficção, não se pode tomar nada como literal, nem mesmo os trechos que se confirmam cabalmente com uma checagem de seus trabalhos cancionais e discos e as respectivas publicações e realeses de imprensa sobre estes últimos. Bartsch faz questão de começar com a seguinte marca para estabelecer um pacto de leitura.

Que fique bem claro

Este livro de ficção não tem o patrocínio nem o apoio de nenhuma das pessoas aqui citadas, e nenhuma das tais pessoas, nem suas famílias, herdeiros ou com algum parentesco, participaram da feitura deste livro. (BARTSCH, 2006a, p. 09).

De outro modo, ele apela que o tomem por ficção mas que o interpretem como verdade. Desta forma, o que se tem é uma metabiografia, que se completa no espaço virtual do blog e poderia ser mais bem descrita como uma meta blog biografia. O que isto nos revela sobre a circulação de textos e textos biográficos do início dos anos 2000? Primeiro que, tomando por base o mês de publicação do livro físico do ano de 2006, e a velocidade com que o autor postou seus capítulos anexos em seu blog, e que não ultrapassaram a seis meses após o lançamento da obra original, pode-se entender que o que se pretendia, no âmbito editorial, era dar uma sobrevida para a campanha de divulgação e aquisição da obra, para além do momento efêmero de seu lançamento. O blog aí correspondia a uma inteligente estratégia de realimentação pelo interesse que a obra poderia causar.

Ao mesmo tempo, a soma das escolhas estéticas e literárias, permitiam ao autor se subtrair do campo minado das biografias de pessoas vivas que, via de regra, geram processos sobre seu conteúdo e requisições de direitos autorais e de imagem. Mas, mais do

que isto, resolve-se no plano estético da ficção um dos grandes dilemas da representação historiadora sobre a fidedignidade da história vivida e ali descrita.

O espelhamento que Bartsch produz entre a pessoa real que é ele e a artista Rita Lee Jones, e também de seus alters egos, a personagem Rita Lee dos palcos e Bárbara Farniente como sua acompanhante e capciosamente sendo ela a efetiva biografada, produz um efeito de sentido particular. Esta biografada ficcional que é Bárbara dá a ler trechos da vida da artista e da personagem Rita Lee, com esta operação, sugere-se uma essência que poderíamos apreender por meio de qualquer uma delas: artista ou personagem real. Desta forma, esta biografia que se assume como farsa, pretende, a seu modo, construir uma espécie de “super realidade” a respeito da artista, nestes tempos pós-modernos, em que hipertextos circulam virtualmente como formas complementares da própria obra publicada. Textos que se autoglosam e recompõem cenários e ampliam para além do espaço de escrita uma representação da história dos tempos presentes, em que a memória ainda permeia a intenção de registro do imediatamente próximo de nós.

Além disso, todo o formato escolhido por Bartsch realiza uma transposição de forma dos *media* de divulgação de canções para o plano literário. São frequentes, para artistas do rock, aqueles clipes e vídeos que são *spots* editados a partir de tomadas filmadas de shows e *tournés* que simulam uma vida de verdade, ambientados com uma determinada trilha sonora. Desde que *Os Beatles* lançaram o filme “documentário” *A hard days night*, em 1964, este é um recurso empregado por muito artistas para promoverem uma imagem e consolidar uma identificação com seu público, entendido por alguns como o procedimento que funda a MTV (MULHOLLAND, 2011).

A seu modo, o músico e biógrafo captou bem o sentido de autoafirmação desenvolvido por Rita Lee Jones ao longo de toda uma vida, e trabalhou no intuito de representar no texto posições concernentes a esta forma de se posicionar. A própria artista reconhece o assumir de sua perspectiva “[...] quando vi nossas conversas transformadas em livro, contando coisas que ninguém nunca soube, me deu um alívio... era o lado da minha moeda que estava lá, doa a quem doer, inclusive a mim mesma...[...]

” (Bartsch, 2006I, s/p) e podemos até mesmo tomar Henrique Bartsch como modelo dos *Ghost Writers* americanos, com a diferença que esta relação, neste caso, foi assumida com mais estilo do que a média.

O ato de encapsular a vida realizado por Bartsch, no caso da trajetória da artista Rita Lee Jones, teve a preocupação de remeter a um tempo dos meados dos anos 1970, em que o uso do ácido lisérgico e outras drogas levavam artistas e fãs a compartilharem uma percepção parecida e a tratarem os vários documentos da cultura como canções e livros como partes de uma “viagem” na qual os envolvidos se identificavam e se compreendiam como parcelas da sociedade que sabiam ler determinados códigos e condutas.

De acordo com Giovani Levi, as biografias consideram um conjunto de elementos formais que podem ou não ser levados em conta na hora de se produzir uma explicação sobre o tempo vivido pelo biografado. Objetiva-se, quando se escreve uma delas, antes oferecer uma explicação que articule a experiência vivida às estruturas que ora determinam as escolhas dos sujeitos, ora sejam pressionadas pelas escolhas destes mesmos sujeitos. (LEVI, 2000) No caso desta biografia produzida por Bartsch, desde seu princípio, o sentido do título do livro diz a que veio – uma “biografia alucinada da rainha do rock” – e aqui não há ambiguidades sobre quem é a biografada na obra nem sobre a natureza da viagem que se quer retratar – uma história particular que legitima o percurso do rock no Brasil. Como músico e como autor, o biógrafo dá seu testemunho junto com a carreira que acompanha. É de lamentar somente que este seja um dos poucos casos em que o biografado em questão já tenha visto seu próprio biógrafo deixar esta vida, tendo em vista o falecimento do autor aqui analisado no mês de dezembro de 2011.

Recebido em: 31/03/2015

Aprovado em: 02/02/2016

NOTAS

¹ As biografias presentes na internet em diversos sites como o Dicionário Cravo Albin disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/rita-lee/biografia>; Arthur Dapieve disponível em: <http://www2.uol.com.br/ritalee/biografia.htm>; o site cliquegrátis mundo musical - Ovelha negra da família disponível em: <http://www.clickgratis.com.br/letras-de-musicas/noticias/saiba-tudo-sobre-rita-lee-a-rainha-do-rock/> e o site cliquemusic disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/rita-lee>. Ao que se vê a elaboração destas várias sumárias notas biográficas se baseou nos trabalhos jornalísticos de Thomas Papon e Regina Echeverria

² Vários filmes de Elvis Presley trazem o mote do rapaz tímido e do interior que se impressiona e deslumbra com a modernidade da metrópole e por fim descobre as vantagens da liberalidade, e o rock é o combustível da subversão dos costumes. Tal padrão acontece novamente retomado mais tarde quando da filmagem do filme *Hair* (1979), de Milos Forman, baseado na peça homônima.

REFERÊNCIAS

BARTSCH, Henrique. *Rita Lee mora ao lado: uma biografia alucinada da rainha do rock*. 1ed. São Paulo: Panda Books, 2006a.

_____. *Blog Bart mora ao lado*. 2006b. Disponível em: <http://livraria.folha.com.br/livros/demusicos/rita-lee-mora-lado-henrique-bartsch-1011438.html>. Acesso em 08 nov. 2014.

_____. *Rita Lee por Norma Lima*. 2006c. Disponível em: <http://leeritalee.blogspot.com.br/2014/09/henrique-bartsch-autor-de-rita-lee-mora.html>. Acesso em 20 set. 2014.

_____. *Almirante Nelson*. 2006d. Disponível em: <http://www.bartmoraolado.blogspot.com.br/search/label/015.%20Almirante%20Nelson>. Acesso em 02 jun. 2011.

_____. *Mais um pouquinho de jornalismo*. 2006e. Disponível em: <http://www.bartmoraolado.blogspot.com.br/search/label/030.%20Mais%20um%20pouquinho%20de%20jornalismo>. Acesso em 02 jun. 2011.

_____. *Making Off de RLML*. 2006f. Disponível em: <http://www.bartmoraolado.blogspot.com.br/search/label/045.Making%20off%20de%20RLML>. Acesso em 30 ago. 2012.

_____. *Mais sobras de RLML e uma surpresa*. 2006g. Disponível em: <http://www.bartmoraolado.blogspot.com.br/search/label/057.O%20filho%20das%20sobras%20de%20RLML>. Acesso em 30 ago. 2012.

_____. *Uma saga às cegas*. 2006h. Disponível em: <http://www.bartmoraolado.blogspot.com.br/search/label/057.O%20filho%20das%20sobras%20de%20RLML>. Acesso em 30 ago. 2012.

_____. *A volta do filho das sobras de RLML*. 2012i. Disponível em: <http://www.bartmoraolado.blogspot.com.br/search/label/064.A%20volta%20do%20filho%20das%20sobras%20de%20RLML>. Acesso em 30 ago. 2012.

_____. *A vingança do filho das sobras de RLML*. 2006j. Disponível em: <http://www.bartmoraolado.blogspot.com.br/search/label/071.A%20vingança%20do%20filho%20das%20sobras%20de%20RLML>. Acesso em 30 ago. 2012.

_____. *O filho do filho das sobras de RLML*. 2006k. Disponível em: <http://www.bartmoraolado.blogspot.com.br/search/label/078.O%20do%20filho%20do%20filho%20das%20sobras%20de%20RLML>. Acesso em 30 ago. 2012.

_____. *A conversa é mole, mas o papo é firme*. 2006l. Disponível em: <http://bartmoraolado.blogspot.com.br/2006/10/na-real.html>. Acesso em 26 jun. 2016.

BAY, Eduardo Kolody. *Qualquer bobagem: uma história dos Mutantes*. 2009. 177f. Dissertação. (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CALADO, Carlos. *A divina comédia dos Mutantes*. São Paulo: Ed.34, 1995.

CAMPOS, Augusto de. *Balanço da Bossa e outras bossas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

DUARTE, Paulo Sergio; NAVES, Santuza Cambraia. *Do Samba-Canção à Tropicália*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Faperj, 2003.

ECHEVERRIA, Regina. In: CHEDIAK, Almir. *Rita Lee*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1990. (Songbook; v.1- v.2)

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and roll: uma história social*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LEVI, Giovani. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MUGNAINI JUNIOR, Ayrton. “O futuro me absolve”. São Paulo: Nova Sampa Diretriz editorial, 1995

MULHOLLAND, Garry. *O almanaque dos filmes do rock*. São Paulo: Seoman, 2011.

OLIVEIRA, Roberto de. *Biograffiti. Biscoito fino*, 2007 [DVD - Documentário audiovisual].

PAPON, Thomas. *Mutantes: o elo perdido*. Bizz. Abril. Ed 19 – Fevereiro, 1987

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007

SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. *Sinal Fechado: A música popular brasileira sob censura (1937-45/ 1969-78)*. Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1994.

TUCHMAN, Barbara. *A biografia como prima da história*. In: *A prática da história*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1991. p.69-79.

VITTI, Rubinho. *Ao lado de Rita*. Disponível em: <http://www.musicaeletra.com.br/index.php?itemid=55>. Acesso em 10 mar. 2010

WEINSCHELBAUM, Violeta. *Estação Brasil: conversa com músicos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2006